

MITOLOGIA E RURALIDADE NO LIVRO III DAS *GEÓRGICAS* DE VIRGÍLIO*

Matheus Trevizam

Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais
matheustrevizam2000@yahoo.com.br

RESUMO

Neste artigo, discutimos a presença do mito no livro III das *Geórgicas* de Virgílio, esclarecendo que, se ela não ocorre neste contexto internamente a “painéis” mítico-narrativos especializados, todavia está difusa ao longo de seus versos com funções importantes, tal como atribuir poeticidade aos ensinamentos rústicos e variar os mecanismos expositivos da matéria.

Palavras-chave: *Geórgicas*; mito; variação; ensinamentos agrários; poesia.

ABSTRACT

In this paper, we discuss the presence of myth in Virgil's *Georgics* book III, explaining that, if it does not occur, in this context, internally to specialized mythic-narrative “panels”, nevertheless it is spread through the verses of the whole book with important functions, such as the attribution of poetic expressivity to rustic teachings and the variation of theme's expositive mechanisms.

Keywords: *Georgics*; myth; variation; rustic teachings; poetry.

INTRODUÇÃO DO TEMA

Falar sobre os temas “mitologia” e “ruralidade” neste que alguns consideram o mais bem acabado poema de Virgílio¹ significa remeter-nos a elementos,

* Este trabalho foi originalmente apresentado no evento “Mitos clássicos nas artes: passado e presente”, o qual se realizou na Faculdade de Letras da UFMG – Belo Horizonte – de 26 a 31 de janeiro de 2013. Agradeço à professora Dra. Tereza Virgínia Barbosa pelo convite que motivou a inicial redação do texto, bem como a Roque Tumolo Neto pela leitura e sugestões ao resumo em inglês.

¹ Veja-se opinião de leitores tão atentos quanto Michel de Montaigne, autor renascentista dos *Ensaíos* (cf. TREVIZAM, M. Imagens da ruralidade no “Cato Maior”, de Cícero, e no “De re rustica”, de Varrão reatino: questões preliminares. *Nuntius Antiquus*, Belo Horizonte, vol. VII, n. 2, p. 82, 2011).

na verdade, nada incomuns da presente obra do maior poeta de Roma: aspectos variados da vida e das práticas rurais correspondem ao essencial do preenchimento das *Geórgicas*, ao menos em sua camada significativa mais à superfície;² por outro lado, de acordo com uma tendência compositiva encontrada nos textos da chamada “poesia didática antiga” desde, pelo menos, sua “fundação”, para nós representada por *Os Trabalhos e os dias* do poeta arcaico Hesíodo,³ os mitos adentram-lhe os versos com frequência não desprezível, dado seu caráter, tantas vezes, instrutivo.

Assim configuradas em seu duplo aspecto mítico e rural, há que se observar, as *Geórgicas* são uma retomada, até certo ponto,⁴ próxima da pioneira obra hesiódica, pois, como sabemos, além de ali haver, na primeira parte (v. 1-327), a narrativa de mitos bastante conhecidos – a exemplo daquele das Idades do mundo (v. 42-105) e de Prometeu e Pandora (v. 106-201) –, o essencial da segunda, intercalada entre os inícios do texto e o “Calendário” dos dias propícios ou não para a feitura de certas tarefas campesinas (v. 765-828), abriga preceitos vários, contudo relativos aos modos de realização dos trabalhos rústicos,⁵ como os fazeres outonais do corte da madeira e dos preparos para a ceifa (v. 414-447), a colheita (v. 571 et seq.) e a vindima (v. 609 et seq.).

Sobre, especificamente, os papéis do mito em textos como as *Geórgicas* e *Os trabalhos e os dias*, parece-nos proveitoso retomar certas colocações de Peter Toohey em uma sua obra que reputamos esclarecedora da categoria compositiva a que pertencem. Para o crítico anglófono, portanto, um conjunto básico de alguns traços se presta a definir um *poema didático*:

Talvez agora, com propósitos de clareza, eu devesse sumarizar o que entendo como as características-chave da poesia didática grega e romana. Um épico didático fala

² Desde há muito se tenta ver nas *Geórgicas* sentidos mais “profundos” que o da mera instrução agrária. L. P. Wilkinson, assim, na primeira grande monografia especializada dedicada a esta obra em língua inglesa – 1969 –, já se pronunciava sobre os aspectos “filosóficos, morais e religiosos” do poema [cf. WILKINSON, L. P. *The “Georgics” of Virgil: a critical survey*. Norman: University of Oklahoma Press, 1997 (1969), p. 121-152].

³ A *Teogonia* do mesmo poeta não é um poema didático por faltar-lhe, como *discipulus*, um claro destinatário da mensagem.

⁴ Em obra cuidadosamente analítica das *Geórgicas* sob o ponto de vista intertextual, as análises de Joseph Farrell demonstraram que as alusões e, em geral, a herança hesiódica estrita concentram-se apenas em parte do livro I dessa obra, a saber, nos versos 43-514 (cf. FARRELL, J. *Vergil’s “Georgics” and the traditions of ancient epic: the art of allusion in literary history*. New York/ Oxford: Oxford University Press, 1991, p. 70). Em outras partes do texto, ocorrem “alusões” muito amiudadas, por exemplo, a Lucrecio.

⁵ Richard Hamilton chama *Nautilia* aos versos de *Os trabalhos e os dias* nos quais o poeta trata de assuntos em nexos com a navegação (v. 618-694); isso corresponde na obra, porém, apenas a um meio provisório de que se serviu a família de Hesíodo – pai e irmão – em certo tempo de dificuldades para obtenção do sustento através dos trabalhos da terra (cf. HAMILTON, R. *The architecture of hesiodic poetry*. Baltimore/ London: The Johns Hopkins University Press, 1989, p. 47).

com uma voz autoral una e isso se direciona explicitamente para um destinatário, que pode ou não ser nomeado. É, usualmente, uma forma literária séria. Seu conteúdo é instrucional, mais do que meramente exortatório. Pode ser, e com frequência é, um tanto técnico e detalhado. *Incluída na narrativa está normalmente certa quantia de painéis. Esses são, com frequência, baseados em temas mitológicos (grifo nosso).* O metro da poesia didática é aquele da épica narrativa, o hexâmetro. Tradicionalmente, tais poemas compreendiam um livro de mais ou menos 800 versos (mas, pelo menos, 400), embora isso tenha mudado quando a forma se desenvolveu.⁶

A sequência das análises de Toohey revela que o estudioso entende os chamados “painéis” mítico-narrativos não só como “ingredientes” genericamente definidores, em somatória de conjunto, da poesia didática greco-romana, mas ainda com funções textuais tão importantes quanto favorecer a *variação*, através da passagem de modos preceituadores estritos para, por exemplo, o narrar, ou mesmo contribuir com o gesto educativo do “mestre” pela via pedagógica do oferecimento de exemplos dotados de grande concretude e vivacidade. Dessa maneira, posicionando-se sobre uma das razões do que lhe parece a sobrevivente atratividade de um poema tão antigo quanto *Os trabalhos e os dias* – séc. VII a.C. –, ele menciona os encantos do desigual andamento do texto de Hesíodo, ora com recorrência ao simbólico, ora ao narrativo ou puramente parenético, ora aos ditos moralizantes, ora à mera instrução técnica...⁷ Nesse panorama, não é, decerto, sem importância a oportunidade de “quebra” oferecida por relatos como a Fábula do falcão e do rouxinol (v. 201-212) e o do mito das Idades (v. 42-105), sobretudo porque, além de se inserirem no âmbito geral da alternância narrada diante das várias outras formas discursivas que Toohey cita, constroem-se mutuamente em contraste: na passagem de um a outro, então, troca-se, nos dizeres do crítico, uma tonalidade “popular” por outra muito elaborada, ou “barroca”.⁸

No tocante, por sua vez, ao caráter “pedagógico” dos painéis míticos incorporados à poesia didática antiga, um exemplo oriundo do repertório de *Os trabalhos e os dias* presta-se a ilustrá-lo: referimo-nos a certa interpretação dada por Toohey para o mesmo mito das Idades. Dessa maneira, lembrando que tal narrativa apresenta ao público o espetáculo do gradativo andamento da trajetória humana no mundo, dos alvares da Idade áurea e de suas condições de todo favorecedoras da facilidade da vida para os mortais, passando em seguida pelas Eras da prata, do bronze, dos heróis e, enfim, do ferro, com a piora do caráter dos de nossa estirpe, a leitura do crítico mencionado propõe que se considere o tipo de violência amiúde característico da derradeira das

⁶ Cf. TOOHEY, P. *Epic lessons: an introduction to ancient didactic poetry*. London/ New York: Routledge, 1996, p. 4 (minha tradução).

⁷ Cf. TOOHEY, op. cit., p. 17.

⁸ Cf. TOOHEY, op. cit., p. 17.

Idades uma explicação para a conduta de Perses, o irmão desonesto no assunto da desigual partilha da herança familiar de Hesíodo; indivíduos tipicamente “férreos”, então, desdenham a família, os deuses e a justiça (*diké*) cara a Zeus a fim de obterem vantagens ilícitas.⁹ Além disso, como também lembrado por Alessandro Barchiesi em uma análise comparativa entre a passagem da “Teodiceia do trabalho” das *Geórgicas* (I, 121-154) e esse mito hesiódico,¹⁰ o poeta grego parece considerar a necessidade de trabalho incessante, característica da Idade férrea, como um *castigo*, mas também como *algo a que se deve de bom grado obedecer* por sua identificação com os próprios desígnios de Zeus. Por outro lado, aqueles que acatam a vontade divina, segundo as concepções religiosas de Hesíodo, acabam deparando em suas vidas menos sofrimento do que os insistentes em contrariá-la, apesar das eventuais aparências distintas sob uma ótica de curto alcance.¹¹

Isso significa que esse relato de *Os trabalhos e os dias* acaba por preencher, simultaneamente, duas das funções associáveis à expressão mítica – variação expressiva e “pedagogia” – não apenas na obra em que se encontra, mas também em toda a poesia didática subsequente. Ainda nas *Geórgicas*, algo semelhante pode ser encontrado em algumas de suas partes, como na própria digressão da “Teodiceia do trabalho” – I, 121-154 – a que há pouco aludimos. Ora, uma ilustrativa passagem desse “painel” de evidentes colorações míticas, assim, esclarece ao leitor os motivos da introdução de *labor* no mundo e na rotina dos afainados agricultores do poema:

(...). *Pater ipse colendi* 121
haud facilem esse uiam uoluit primusque per artem
mouit agros, curis acuens mortalia corda,
*nec torpere graui passus sua regna ueterno.*¹²

Importa mencionar que tal trecho, como parte do livro I do “poema da terra” virgiliano, insere-se em um contexto, sobretudo, marcado pela ênfase na dura labuta diária. Esse livro, com efeito, é aquele dos árduos fazeres de homens e bois nos campos, a fim de obterem o pão quotidiano. Aqui, além da

⁹ Cf. TOOHEY, op. cit., p. 28.

¹⁰ Cf. BARCHIESI, A. Lettura del secondo libro delle “Georgiche”. In: GIGANTE, M. (org.). *Lecturae Vergilianae*. Vol. I. Napoli: Giannini, 1982, p. 45: Dunque, il lavoro da un lato è inevitabile, perché gli dei hanno nascosto agli uomini i mezzi di vita (come e perché, lo spiega il mito di Prometeo e Pandora); dall’altro, il lavoro è positivo, perché è l’unico mezzo di vita giusto da guadagnarsi da vivere, e fornisce all’uomo un’esistenza tranquilla e prospera; tutto ciò è garantito dalla vigilanza di Zeus.

¹¹ Cf. TOOHEY, op. cit., p. 28-9.

¹² *Geórgicas* I, 121-4: “O próprio Pai do cultivo/ não quis que fosse fácil a via e primeiro pela arte/ moveu os campos, aguilhoando os peitos mortais com preocupações,/ nem suportou entorpecer seus reinos em pesada letargia” (trad. minha).

marcha incessante dos trabalhos anuais com vistas ao bem em pauta,¹³ nota-se que se ausentam certos fatores atenuantes da dureza da lida agrária, presentes, por exemplo, no livro II, dedicado às árvores, e no IV, às abelhas; assim, o segundo dos livros da obra faz-nos divisar, ao lado das dificuldades também inerentes à viticultura,¹⁴ o espetáculo da exuberância das árvores selvagens,¹⁵ bem como o dom do vinho, entorpecedor e agradável a deuses e homens.¹⁶ Na derradeira das quatro grandes subdivisões do texto, ainda, os pequenos seres que protagonizam a “cena” rústica destacam-se pela relativa autonomia¹⁷ e por tantas maravilhas de sua natureza, as quais fizeram, a “alguns”, cogitar-lhes alguma participação na inteligência divina.¹⁸

Sob, enfim, o aspecto variacional, notamos que essa digressão se intercala entre a passagem francamente preceituadora, do ponto de vista *prático* – não da mais abstrata proposição de causas sob um viés mítico e religioso! –, da inexorabilidade do trabalho para os que queiram, por exemplo, remediar os males da secura de certos terrenos e da excessiva umidade de outros (v. 100-121) e a do convite a espantar os pássaros devoradores de sementes, podar as demasiadas folhagens das árvores e invocar as chuvas, fazeres afins ao afastamento da fome (v. 155-159).

Curiosamente, porém, a presença mítica, que se entrelaça a aspectos variados da ruralidade também no livro III das *Geórgicas*, não se faz nesta parte da obra pelo viés de sua maciça incorporação a, nos termos de Toohey, “painéis” de todo preenchidos por relatos dessa matriz. Com efeito, segundo útil catálogo da especializada *Enciclopedia virgiliana*, correspondem, à parte as passagens proemiais do início (v. 1-48), aos “quadros” da corrida no circo (v. 95-122), da fatalidade de *Amor* para todos os viventes (v. 242-283), dos pastores em nomadismo na África (v. 339-348), dos pastores em meio aos gelos da Cítia (v. 349-383) e da horrenda Peste Nórica (v. 470-566) os

¹³ *Geórgicas* I, 287 et seq.

¹⁴ *Geórgicas* II, 397-402.

¹⁵ Cf. ROSS Jr., D. O. *Virgil's elements: physics and poetry in the "Georgics"*. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1987, p. 100-1: The very division of trees into wild and cultivated assumes these circumstances as long established facts of rural life: fruitful trees required cultivation, wild trees (which are of course useful in a number of ways – for lumber or fuel, or for their nuts for human consumption or for pig fodder, and so on) aren't worth bothering with and will in any case take care of themselves pretty well.

¹⁶ *Geórgicas* II, 454.

¹⁷ Com efeito, em uma obra em que grande parte do sustento/ alimento humano provém do direto (e duro) trabalho humano com a terra, é de certo modo um alívio “apenas” poder coletar prontos o mel e os outros produtos de “automática” fabricação pelas abelhas. Essa “libertação” do homem dos trabalhos rústicos quando se torna apicultor, porém, é apenas relativa, pois a leitura das obras dos “agrônomos” romanos revela que muitas são as etapas supervisionadas e os cuidados de que necessitam as abelhas para produzir o mel (veja-se livro IX do monumental *De re rustica* de Columela e livro III da homônima obra de Varrão de Reate).

¹⁸ *Geórgicas* IV, 219 et seq.

trechos de *Geórgicas* III aos quais se pode atribuir a definição digressiva, ou diversa da direta preceituação em nexos com os afazeres pecuários, assunto deste livro. Como se nota, em nenhum dos casos aqui elencados ocorre a extensa especialização mítica, antes se tratando de quadros descritivos com provável fundo etnográfico¹⁹ – caso das duas digressões sobre pastores –, da apresentação de cenas da vida quotidiana, como exemplificam as passagens “circense” e da geral rendição de homens e animais, em alguma medida, aos encantos venéreos, e do relato, ao que tudo indica fictício,²⁰ de um suposto evento natural passado em uma das províncias romanas transalpinas.

Pelo que viemos de descrever sob a rubrica da presença mítica em *Geórgicas* III, então, pode-se de início inferir que o mito, diversamente do que se dá em outros livros da obra,²¹ encontra-se *disperso* por muitas passagens de seus versos, quer no interno de seções afins à efetiva preceituação prática, quer em contextos, na verdade, de pertença a algumas das digressões há pouco citadas. Será nossa tarefa, no restante desta exposição, dedicar-nos ao exame dos significados e contextual funcionalidade das alusões míticas no terceiro livro das *Geórgicas*, buscando atentar para o surgimento de eventuais tipologias no cotejo das diferentes ocorrências desse tipo que pudermos elencar, sem pretensões de inteira completude.

ITINERÁRIO DA DISPERSÃO MÍTICA EM *GEÓRGICAS* III

As primeiras referências a personagens ou eventos míticos ocorrem, na parte do poema que presentemente nos interessa, já nos versos de proposição de uma “nova poesia” (1-8), nos quais Virgílio declara afastar-se de temas já abordados por outros em outras ocasiões compositivas, como “Euristeu”, os altares do “infame Busíris”, o “menino Hilas” e “Pélope”, “notável pelo ombro de marfim”. Em vez desses peculiares assuntos mitológicos, avisa-nos o poeta, ele preferirá abordar na presente seção de sua obra agrária “Pales”, o “memorável pastor do Anfriso”, os “bosques e rios do Liceu”...

¹⁹ Cf. VIRGIL. *Georgics*. Edited with a commentary by R. A. B. Mynors. Oxford: Oxford University Press, 2003, p. 235.

²⁰ Cf. PIGEAUD, J. Quelques remarques sur l'épidémie du Norique dans les «Géorgiques» de Virgile. In: VIRGILE. *Géorgiques*. Trad. E. de Saint-Denis, introduction, notes et postface de Jackie Pigeaud. Paris: Les Belles Lettres, 1998, p. 157-172.

²¹ O livro I conta, por exemplo, com a supracitada passagem da “Teodiceia do trabalho”, na qual várias reminiscências hesiódicas do mito das Idades se fazem presentes; no livro II, o trecho da vida dos homens primitivos também é passível de remeter-nos ao mesmo imaginário, pelos tons sempre *primaveris* dos inícios do mundo (v. 336-345); no livro IV, enfim, o *epyllion* de Orfeu e Aristeu encerra magistralmente toda a obra.

Ora, Euristeu é a lendária personagem associada à exigência da realização dos famosos “Doze trabalhos” por Hércules.²² Tratava-se, com efeito, do rei de Tirinto e Micenas, e que, segundo relato de Eurípides, apresentara tais desafios ao herói como condição para que pudesse de novo adentrar seus domínios; em outra versão do mito, ainda apresentada por Pierre Grimal a partir da obra do poeta alexandrino Diotimo, Hércules e esse rei teriam sido amantes, e o acometimento dos duros “Doze trabalhos” fora, por parte do filho de Zeus e Alcmena, um gesto de dedicação ao amado, para livrar o mundo, em seu benefício, de toda uma série de monstros e flagelos.²³

O nome de Busíris remete-nos à lendária figura de um rei do Egito (Ovídio, *Tristes*, III, 11, 39), caracterizado pela crueldade; também presente no círculo lendário de Hércules, o soberano tentou executá-lo quando de passagem por seu reino, ornando-o de fitas sacrificiais e coroando com flores. O herói, porém, logrou desvencilhar-se do embuste no altar e matar Busíris e seu filho, Anfidamas.²⁴ Na sequência, Hilas corresponde ao *puer* de Hércules, o qual é mencionado por Sexto Propércio na elegia I, 20, 37-38, e que também preencheria certo episódio das *Argonáuticas*, de Apolônio de Rodes (I, 1240-1362):²⁵

Hilas, que acompanhara Hércules na expedição dos Argonautas, quando arribaram às costas da Ásia, embrenhara-se na floresta à procura de água e, depois da tentativa frustrada de rapto por parte dos filhos alados de Bóreas, ao chegar junto de uma fonte que brota no meio de uma paisagem idílica, onde colhe flores, é raptado pelas Ninfas que se apaixonaram por ele por causa da sua extrema beleza.²⁶

²² R. A. B. Mynors menciona, em comentário à passagem aqui analisada, que o poeta Partênio compusera um poema chamado *Heracles*, no qual, cogitamos, a figura de Euristeu, que aqui – v. 4 – sintetiza sutilmente a menção a todos os “Doze trabalhos”, pode ter marcado presença (cf. VIRGIL, op. cit., 2003, p. 179).

²³ Cf. GRIMAL, P. *Dictionnaire de la mythologie grecque*. Paris: Presses Universitaires de France, 1963, p. 190.

²⁴ Cf. GRIMAL, op. cit., p. 68-69.

²⁵ Cf. CARREIRA, C. F. C. *As “Argonáuticas” de Apolônio de Rodes: a arquitetura de um poema helenístico*. Dissertação de mestrado em Estudos Clássicos. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2007, p. 47: No que respeita a Héracles, salienta-se a diferença de atitudes do herói. Quando os Argonautas chegam a Lemnos, todos eles decidem aceitar o convite sedutor das mulheres que lá habitam. Héracles é o único que fica junto da nau, alertando posteriormente Jasão para a tarefa que têm de cumprir. Todavia, quando Hilas desaparece, a mesma personagem, que antes resistiu sem esforço ao chamamento de Afrodite, deixa-se arrebatada por um sentimento semelhante e abandona a missão que ele próprio tinha escolhido, como nos diz Apolônio no catálogo. Da mesma maneira que Héracles abandona os companheiros por amor, também Medeia deixa a pátria num impulso gerado por similar emoção.

²⁶ Cf. GONÇALVES, J. M. T. “Callida iunctura”: da prática à teoria. *Ágora*, Aveiro, vol. IX, p. 84, 2007.

O último tema poético “rejeitado” por Virgílio nesta passagem, enfim, são as aventuras de Pélope,²⁷ o lendário filho de Tântalo, rei da Frígia, que seu pai matara, desmembrara, cozinhara e intentara servir aos deuses em banquete funesto, provavelmente a fim de testar em sacrilégio a clarividência dos imortais. Tendo-se, porém, todos apercebido do engano, apenas Deméter devorou um dos ombros de Pélope e, sendo posteriormente o corpo do herói reconstituído por comiseração divina, foi preciso substituir essa única parte faltante por um simulacro de marfim, ao qual alude Virgílio em v. 7.

Quanto aos elementos não rejeitados por Virgílio nos trechos até aqui abordados, “Pales”, o “memorável pastor do Anfriso” e os “bosques e rios do Liceu”, ocorre, de início, a menção a um ente tradicional da cultura sacra itálica: referimo-nos a Pales, divindade protetora de pastores e rebanhos na Itália antiga. Em comentário a suas características e atributos, Junito Brandão esclarece ser um deus ou uma deusa, cujo patronato aos animais rústicos e a seus cuidadores era honrado a cada 21 de abril na festividade das *Pariliae*, caracterizada pelo acendimento de pequenas fogueiras sobre as quais saltavam os homens para purificar-se;²⁸ Ovídio, por sua vez, em *Fasti* IV, 775-776, invoca a divindade como *domina pastorum*.

A referência ao Anfriso e ao Liceu/ Arcádia, ainda, desvela-nos em um caso certo episódio lendário do serviço de Apolo a Admeto, rei de Feras, pois esse deus se sujeitara humildemente a tornar-se boieiro, ou guardador de cavalos, do soberano (Ovídio, *Ars amatoria* II, 239: *Cynthius Admeti uaccas pauisse Pheraei/ fertur*);²⁹ nesse contexto, o Anfriso, rio sem grande importância da região da Tessália, é o “cenário” da mesma aventura. Na outra ocorrência, lembramos que o Liceu se associava, na geografia grega, a um maciço montanhoso do oeste da Arcádia, com suas ricas pastagens bem adaptadas à fértil criação de rebanhos; também se identificou, fundamentalmente, com o local de nascimento e da morada de Pã (Teócrito, I, 123), ente mítico do imaginário helênico cujos atributos eram semelhantes ao de Pales itálica(-o).³⁰

²⁷. No comentário supracitado de Mynors, o crítico explica que Pélope ganhou a mão de Hipodâmia, sua esposa, ao vencer os rivais em uma corrida de carro. O episódio foi relatado por Apolônio de Rodes em *Argonáuticas* I, 752-758 (cf. VIRGIL, op. cit., 2003, p. 179).

²⁸. Cf. BRANDÃO, J. *Dicionário mítico-etimológico: mitologia e religião romana*. Petrópolis: Vozes, 1993, p. 238.

²⁹. As tradições em torno dos motivos dessa servidão de Apolo a um mortal divergem. R. D. Williams, certo comentador das *Geórgicas*, observa em nota a v. 2, que a causa do evento fora uma punição infligida ao deus por ter matado os Ciclopes (cf. VIRGIL. *The Eclogues & Georgics*. Edited with introductions and notes by R. D. Williams. London: Bristol Classical Press, 1979, p. 178); contudo, também há relatos de uma causa amorosa – a própria paixão apolínea por Admeto – como fator desencadeante de tais serviços (Calímaco, *Apoll.* 48-49).

³⁰. Cf. GRIMAL, op. cit., p. 342: Pan est un dieu des bergers et des troupeaux, qui semble originaire d'Arcadie, bien que son culte soit répandu à travers toute la Grèce et se soit même généralisé en dehors du monde hellénique.

Ora, em contraste com os temas “recusados” neste início de *Geórgicas* III, Pales – que unicamente não dispõe de mitologia própria –, o episódio da servidão rústica de Apolo e o “cenário” do Liceu, com facilidade associável a Pã mesmo por referências das *Geórgicas*,³¹ sempre remetem o leitor de Virgílio não só ao ambiente campesino, mas ainda, em particular, ao universo da pecuária, assunto central dessa parte do poema didático em pauta. Desse modo se trata, à maneira de uma clara *proposição*, de estabelecer os limites da empresa a que se lança, pois os imaginativos temas dos amores ou vicissitudes de Hércules e Pélope, por exemplo, não são, segundo os dizeres do próprio Virgílio, algo merecedor de seus presentes *labores* por se encontrarem “gastos” pelo trabalho de outros.³² Além disso, é evidente, calha melhor ao sub-tópico da vida camponesa sobre o qual ele começa a pronunciar-se, vale dizer, às criações de grandes (equinos e bovinos) e pequenos (caprinos e ovinos) animais, a escolha de ambiências ou personagens míticas antes afinadas no contexto com o pastoreio que com lances aventurecos ou paixões amorosas.

Depois da sugestiva imagem do templo de mármore (v. 12-39), que o poeta diz pretender edificar às margens dos campos do Míncio, em sua Mântua natal, segundo convenções relacionadas, desde Píndaro, à metapoesia,³³ e em que se destacam várias alusões míticas³⁴ que não desdobraremos em explicações, por não corresponderem a elementos associáveis à ruralidade, ele se prepara para adentrar a preceituação agrária em seu primeiro ponto, a criação de cavalos, através da lembrança dos “bosques das Dríadas” – *Dryadum silvas* – e do Citerão – *uocat ingenti clamore Cithaeron*. Ora, as Dríadas se definem, na mitologia grega, como categoria especializada de ninfas:

Em síntese, temos os seguintes tipos de *Ninfas*: Oceânides, ninfas do alto-mar/ Nereidas, ninfas dos mares internos/ Potâmidas, ninfas dos rios/ Náíades, ninfas dos ribeiros e riachos/ Creneias, ninfas das fontes/ Pegeias, ninfas das nascentes/ Limneias, ninfas dos lagos e lagoas/ Napeias, ninfas dos vales e selvas/ Oréadas, ninfas das montanhas e colinas/ Dríadas, ninfas das árvores e particularmente dos carvalhos/ Hamadriadas, ninfas dos carvalhos.³⁵

Como divinas protetoras dos bosques (ou carvalhos), elas se enquadram harmonicamente em uma parte das *Geórgicas*, o livro III, cuja ambientação física não mais corresponde, caso do livro inicial e do segundo, a searas de trabalho ou a vinhedos, mas antes, como seria esperado no contexto do

³¹ *Geórgicas* I, 16.

³² *Geórgicas* III, 3.

³³ Cf. FLEISCHER, U. Musentempel und Octavianehrung des Vergil im Proömium zum dritten Buche der Georgica. *Hermes*, Stuttgart, vol. LXXXVIII, p. 280-331, 1960.

³⁴ Como aquelas a um “fundador Cíntio de Troia” – Apolo, v. 36 – e a Ixião (v. 38)...

³⁵ Cf. BRANDÃO, J. S. *Mitologia grega*. Vol. I, 18ª. edição. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 225.

desenvolvimento de uma atividade econômica como a criação animal, a um natureza mais rude, simples pastagens ou as matas do entorno; dessas últimas, por sinal, o homem rústico romano aproveitava diretamente alguns recursos para o benefício de seus animais, como as bolotas de carvalho utilizadas na alimentação de certas espécies.³⁶

O Citerão, por outro lado, é uma serra da região grega da Beócia, dotada de fortes elos associativos com os ritos báquicos³⁷ e com as Musas. No contexto, Williams, comentador de certa edição inglesa das *Geórgicas* que citamos há pouco, lembra ser ele uma localidade também vinculada às caçadas, como parece demonstrar a sutil alusão aos gestos que se desenrolam em tais ocasiões de intervenção humana sobre a natureza (*ingenti clamore*, v. 43).³⁸ Ora, como no livro III das *Geórgicas* ocorre tratamento do tema técnico dos equinos e cães, evidentes auxiliares de caçadores durante sua lida, essa breve referência de leves colorações míticas harmoniza-se à sua maneira com o entorno compositivo, de modo semelhante ao que já se dera com a outra das *Dríadas*, comentada logo acima.

Uma próxima ocorrência de elemento associável ao mito, ou mesmo à religiosidade antiga, é o que encontramos em v. 64, mas também em v. 97, v. 137 e v. 210, pois, em v. 267, recorre-se a uma especificidade de emprego que nos impossibilita classificar este uso peculiar exatamente sob a mesma rubrica. O leitor do poema, então, depara em cada uma das quatro primeiras passagens que viemos de citar o recurso ao nome de Vênus como uma metonímia³⁹ do ato sexual dos animais, segundo um procedimento estilístico, aliás, não raro em outros livros das *Geórgicas*. Como explicamos em outra ocasião,⁴⁰ no livro II da mesma obra o poeta se valera de semelhante expediente também para referir-se, por exemplo, à “videira” através do nome de “Baco”, em v. 37, v. 113, v. 228, v. 241 e v. 275.

³⁶. Cf. ROBERT, J. N. *La vie à la campagne dans l'antiquité romaine*. Paris: Les Belles Lettres, 1985, p. 275.

³⁷. Nessa serra, lembramos, tem lugar o desfecho da *hýbris* de Penteu, resoluto até o fim em negar a Dioniso as honrarias de sua divindade: com efeito, tendo ali surpreendido os ritos das Bacantes, ele é morto e desmembrado inclusive por sua mãe, Agave, no mesmo local (EURÍPIDES, *As Bacantes*, v. 1142).

³⁸. Cf. VIRGIL, op. cit., 1979, p. 181.

³⁹. Cf. TRINGALI, D. *Introdução à retórica: a retórica como crítica literária*. São Paulo: Duas Cidades, 1988, p. 134: Se digo: “bebamos um Madeira”, quero dizer um vinho fabricado na ilha da Madeira. Usei a palavra Madeira em lugar da palavra vinho. Na metonímia, uma palavra se usa em lugar de outra (Camões por *Lusiadas*), não por semelhança, mas porque há, entre ambas as coisas, uma relação de contiguidade. Há uma relação de vizinhança, de interdependência entre ambas as coisas, entre o vinho e a ilha da Madeira.

⁴⁰. Cf. TREVIZAM, M.; RAIMUNDO, R. F. M. Papéis de Baco em *Geórgicas* II: figuração poética, religiosidade e história do teatro. *Nuntius Antiquus*, Belo Horizonte, vol. VII, n. 1, p. 86-87, jan.-jun. 2011.

Depois de esclarecer que Vênus em *Geórgicas* III, 267 é a divindade que instiga, dentre todos os animais e humanos, um espantoso desejo sexual sobretudo sobre as éguas, como se deu no mito daquelas de Glauco, o filho de Sísifo, as quais o estraçalharam a dentadas quando ele as privou do contato com os machos com o objetivo de tê-las mais ardorosas nas corridas, opinamos no sentido do emprego da presente metonímia, a envolver o nome dessa deusa, como recurso em claro nexos com a poeticidade da empresa virgiliana. Assim, mais “vivo” e, decerto, nobilitado resulta empregar “Vênus” que “cópula” ou seus equivalentes na língua latina, como o substantivo *concupitus* e o verbo *inire*,⁴¹ em um texto que não é um objetivo tratado de “agronomia” ou veterinária, mas, antes, dos mais sublimes produtos da arte literária que a cultura clássica produziu.

Algumas das posteriores referências míticas deste livro do poema incluem os nomes do cavalo Cílaro, que pertencera a “Pólux de Amicleia” (*Amyclaei... Pollucis*, v. 89), de Marte e Aquiles, também donos de equinos (v. 90-91), de Saturno, certa feita ele mesmo aproximado na forma física dos animais desta espécie (v. 92-94), de Ericção (v. 113-114), dos “Lápitias do Peletrônio” (*Pelethronii Lapithae*, v. 115), de Netuno (v. 122), de Zéfiro (v. 134, v. 273, v. 322), de Io (*Inachiae... iuuencae*, v. 153), de Aquilão (*Aquilo*, v. 196), de Hero e Leandro (v. 258-263), de Euro (v. 277, v. 382), de Bóreas (v. 278), de Cauro (v. 278), de Pã e da Lua (v. 392-393), de Austro (v. 429), de Quíron, filho de Filira (*Phyllirides Chiron*, v. 550) e de Melampo, filho de Amitáon (*Amythaoniusque Melampus*, v. 550).

Sempre dividindo as referências dadas por grupos de semelhança tipológica e funcional interna, lembramos que ventos como Zéfiro, Aquilão, Bóreas e Euro foram amiúde vinculados a figurações e lances aventurecos na mitologia antiga. Como explica Pierre Commelin, assim,⁴² esses entes do imaginário ora eram representados como filhos da Terra e do Céu, ora como filhos de Gigantes,⁴³ ora, caso de certos ventos “benfazejos” – Noto, Bóreas e Zéfiro –, como filhos dos deuses. Em específico, Euro, filho da Aurora, vinha do Oriente e foi imaginado como um jovem a montar impetuosamente os cavalos da mãe; Bóreas raptou Clóris, a bela filha de Arcturo, teve dela o filho Hirpace, mas amou também a Orítia,⁴⁴ a Aquilão cabia a imagem de um velho impetuoso, de cabelos desalinados; Austro (ou Noto), vento do sul,

⁴¹ Cf. FERREIRA, A. G. *Dicionário português-latim*. Porto: Porto Editora, 1976./ VIRGIL, op. cit., 2003, p. 215: Quint. 8.6.24 ‘Venerem quam coitum dixisse magis decet’.

⁴² Cf. COMMELIN, P. *Nova mitologia grega e romana*. Trad. Thomaz Lopes. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983, p. 96-99.

⁴³ Cf. COMMELIN, op. cit., p. 97: Os Ventos, divindades poéticas, são filhos do Céu e da Terra; diz Hesíodo que são filhos dos gigantes Tifeu, Astreu e Perseu; mas excetua os ventos favoráveis, a saber, Noto, Bóreas e Zéfiro, que diz serem filhos dos deuses.

⁴⁴ Cf. BRANDÃO, op. cit., 2009, p. 285.

associava-se à imagem de um homem alado, forte e nu, bem como ao papel de trazer a chuva; Zéfiro, enfim, vento do Ocidente, apresenta nexos com a figura de um jovem de feições serenas, por vezes coroado de flores; Cauro (ou Coro), simplesmente um gênio turbulento entre gregos e latinos, era cultuado em Atenas com outros “irmãos”, em um templo de arquitetura octogonal.⁴⁵

Embora, na maior parte das ocorrências do texto, divisemos apenas *nomes* de ventos, cuja participação na vida rústica o poeta deseja apresentar, não é desprezível seu potencial associativo, em meio à natureza tantas vezes animada das *Geórgicas*, com as lendas e atributos que mencionamos. Além disso, no caso de um emprego vinculado ao nome de Euro (v. 277) e em dois pontos da menção a Zéfiro (v. 273 e v. 322 – *Zephyris... uocantibus*), a personificação parece patentear-se mais porque, na primeira vez, Euro/ *Eure* é diretamente endereçado pelo poeta através de um vocativo latino; nas demais, já em tematização de Zéfiro, trata-se ora de dizer que as éguas engravidam dos ventos, ora de figurar o “chamamento” desse ente ao verão, a fim de que se conduzam os rebanhos de ovelhas e cabras aos bosques e pastagens...

Ainda, as quatro primeiras alusões lendárias que fizemos, sempre em conexão com o universo rústico da criação de cavalos, prestam-se quer a estabelecer elos entre o nível expressivo razoavelmente “prosaico” dos temas deste livro “pecuário” e os planos mais sublimados da experiência mítica, quer, como se destaca na lenda da metamorfose de Saturno em equino no confronto com as demais (v. 92-94), a ilustrar, segundo interpretação de Richard Thomas, a frequente confusão de fronteiras entre humanidade e animalidade nessa parte do poema,⁴⁶ pois, no contexto, conta-se a história da transformação do deus a fim de furta-se à ira de sua esposa, Reia, ao ser descoberto nos braços da oceânide Filira (Apolônio de Rodes, *Argonáuticas* II, 1231-1241). Algo semelhante a essa última tipologia se dá ao divisarmos a alusão ao mito de Io, filha de Ínaco, também picada no verão por moscardos tal como as vacas de Virgílio, quando, transformada em novilha por Júpiter para que fugisse da ira da ciumenta Juno, padeceu de vários modos com a perda da forma humana.⁴⁷

Por sua vez, as menções a Erictônio, aos Lápitas e a Netuno, como feitas há pouco, prestam-se respectivamente a explicar o começo da atrelagem de uma quadriga a um carro, a apresentar com uma lenda o princípio dos gestos

⁴⁵. Cf. COMMELIN, op. cit., p. 97.

⁴⁶. Cf. VIRGIL. *Georgics*. Vol. II: books III-IV. Edited by R. F. Thomas. Cambridge: Cambridge University Press, 1997, p. 55-56.

⁴⁷. Também a passagem da morte de Leandro no mar, pois não pudera resistir ao *desejo* de estar com a amada, Hero, sequer na noite de tempestade que o levou a querer atravessar o Helesponto a nado com esse fim, exemplifica certa animalização humana pelo viés da renúncia ao instinto sexual. Virgílio, ainda, em *Geórgicas* III, 244, já prevenira o leitor da inexorabilidade de *Amor* para *todos* os viventes (*amor omnibus idem*).

de montar, pôr rédeas sobre cavalos, cavalgar armado e fazer manobras e a lembrar as origens míticas do surgimento da espécie equina (através de um golpe do tridente desse deus marinho sobre o solo),⁴⁸ em um contexto de reforço da inutilidade da boa raça dos animais guerreiros para os “esportes” quando não se adaptam a isso, por não serem tão “jovens” (*iuuenem* – v. 118), “ardentes” (*calidum animis* – v. 119) e “rápidos nas corridas” (*cursibus acrem* – v. 119)...

Melampo e Quíron,⁴⁹ enfim, sendo dois médicos míticos excepcionalmente dotados de conhecimentos, ilustram a gravidade da “Peste Nórica” como descrita na porção derradeira do livro – v. 470-566 –, pois, pelo fracasso de seu auxílio a todos os animais (ou homens) que aos poucos sofrem com esse mal, dão a medida do alcance sobre-humano da aniquilação naquelas paragens durante tal evento funesto. Para Monica Gale, por outro lado, essas lembranças míticas de Virgílio encaixam-se em um contexto significativo em que, ironicamente, as duas personagens, apesar de sua conhecida habilidade e de “terem a experiência” das metamorfoses (pois Quíron nasceu do contato de Saturno, transformado em *cavalo*, com a oceânide Filira, como dissemos, e Melampo recuperou as Prétidas de uma espécie de loucura que as fazia acreditar serem novilhas), não logram curar de sintomas que “reduzem os nóricos ao nível de seus animais”.⁵⁰ Desse modo, levar-se-ia a extremos de fragilidade, segundo as concepções virgilianas sobre o valor da segurança civilizacional contra todas as ameaças da natureza, como entendidas por Gale, a dura labuta dos *agricolae* – ou, muito pior, de todos os homens! – para sempre afastarem de si a perdição.

Isso dito, podemos afirmar que as evocações míticas, apesar da falta de sua concentração em “painéis” especializados no livro das *Geórgicas* em pauta, nele se fazem presentes com razoável frequência, como seria esperado pelos gostos alexandrinos do poeta, e desempenham diferentes e importantes funções, quais sejam, 1. além da geral variação pelo desvio dos olhares do público do mero ambiente camponês para o onirismo de tantas lendas ou personagens,⁵¹ 2. ajudar a delimitar o “tom” da matéria pecuária ao se aceitarem ou rejeitarem, 3. construir poeticidades para o texto pela via metonímica ou

⁴⁸. Cf. VIRGIL, op. cit., 2003, p. 201.

⁴⁹. Cf. VIRGIL, op. cit., 1997, p. 143.

⁵⁰. Cf. GALE, M. Virgil's Metamorphoses: myth and allusion in the “Georgics”. In: VOLK, K. (org.). *Oxford readings in Classical Studies*. Oxford: Oxford University Press, 2007, p. 122.

⁵¹. Também a alusão à sedução da Lua por Pá, quando ele se transformou em um belo carneiro branco para atraí-la a uma armadilha amorosa – *Geórgicas* III, 392-393 –, poder-se-ia encaixar na função mítica da variação expressiva, pois o contexto imediatamente anterior, de sua inserção, vincula-se apenas a dar recomendações com fins de evitar-se o nascimento de filhotes de lá escura a partir de genitores, embora de velo alvo, com língua negra.

da personificação, 4. explicar instrutivamente as origens de certos elementos rústicos e 5. advertir-nos da fragilidade de nossa, só em aparência, “segura” condição “humana” e “civilizada”. Ainda, como por vezes se identificam tais funções com gestos de tornar mais palatável a matéria sobre que se ensina e de organizar-lhe a apresentação, acabam sempre por atender a um certo caráter “educativo” no confronto do público com este poema didático, mesmo quando, à diferença do que encontramos nas menções ao início lendário da atrelagem (v. 113-114) e da montaria (v. 115), o contato com os mitos não resulta propriamente no desvendamento de origens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARCHIESI, A. Lettura del secondo libro delle “Georgiche”. In: GIGANTE, M. (org.). *Lecturae Vergilianae*. Vol. I. Napoli: Giannini, 1982, p. 43-86.
- BRANDÃO, J. *Dicionário mítico-etimológico: mitologia e religião romana*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- BRANDÃO, J. S. *Mitologia grega*. Vol. I. 18ª. edição. Petrópolis: Vozes, 2009.
- CARREIRA, P. C. F. C. *As “Argonáuticas” de Apolônio de Rodes: a arquitetura de um poema helenístico*. Dissertação de mestrado em Estudos Clássicos. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2007.
- COMMELIN, P. *Nova mitologia grega e romana*. Trad. Thomaz Lopes. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983.
- FARRELL, J. *Vergil’s “Georgics” and the traditions of ancient epic: the art of allusion in literary history*. New York/ Oxford: Oxford University Press, 1991.
- FERREIRA, A. G. *Dicionário português-latim*. Porto: Porto Editora, 1976.
- FLEISCHER, U. Musentempel und Octavianehrung des Vergil im Proömium zum dritten Buche der Georgica. *Hermes*, Stuttgart, vol. LXXXVIII, p. 280-331, 1960.
- GALE, M. Virgil’s Metamorphoses: myth and allusion in the “Georgics”. In: VOLK, K. (org.). *Oxford readings in Classical Studies*. Oxford: Oxford University Press, 2007, p. 94-127.
- GONÇALVES, J. M. T. “Callida iunctura”: da prática à teoria. *Ágora*, Aveiro, vol. IX, p. 75-97, 2007.
- GRIMAL, P. *Dictionnaire de la mythologie grecque*. Paris: Presses Universitaires de France, 1963.
- HAMILTON, R. *The architecture of hesiodic poetry*. Baltimore/ London: The Johns Hopkins University Press, 1989.
- HESÍODO. *Os trabalhos e os dias*. Trad. Mary de C. N. Lafer. São Paulo: Iluminuras, 2008.
- PIGEAUD, J. Quelques remarques sur l’épidemie du Norique dans les «Géorgiques» de Virgile. In: VIRGILE. *Géorgiques*. Trad. E. de Saint-Denis, introduction, notes et postface de Jackie Pigeaud. Paris: Les Belles Lettres, 1998.
- ROBERT, J. N. *La vie à la campagne dans l’antiquité romaine*. Paris: Les Belles Lettres, 1985.
- ROSS Jr., D. O. *Virgil’s elements: physics and poetry in the “Georgics”*. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1987.
- TOOHEY, P. *Epic lessons: an introduction to ancient didactic poetry*. London/ New York: Routledge, 1996.
- TREVIZAM, M. Imagens da ruralidade no “Cato Maior”, de Cícero, e no “De re rustica”, de Varrão reatino: questões preliminares. *Nuntius Antiquus*, Belo Horizonte, vol. VII, n. 2, p. 81-100, 2011.

- TREVIZAM, M.; RAIMUNDO, R. F. M. Papéis de Baco em *Geórgicas* II: figuração poética, religiosidade e história do teatro. *Nuntius Antiquus*, Belo Horizonte, vol. VII, n. 1, p. 79-103, jan.-jun. 2011.
- TRINGALI, D. *Introdução à retórica: a retórica como crítica literária*. São Paulo: Duas Cidades, 1988.
- VIRGIL. *The Eclogues & Georgics*. Edited with introductions and notes by R. D. Williams. London: Bristol Classical Press, 1979.
- _____. *Georgics*. Vol. II: books III-IV. Edited by R. F. Thomas. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- _____. *Georgics*. Edited with a commentary by R. A. B. Mynors. Oxford: Oxford University Press, 2003.
- WILKINSON, L. P. *The "Georgics" of Virgil: a critical survey*. Norman: University of Oklahoma Press, 1997 (1969).

